

Caminhar em Roma: A Experiência de Inscrever-se no Selvático da Cidade

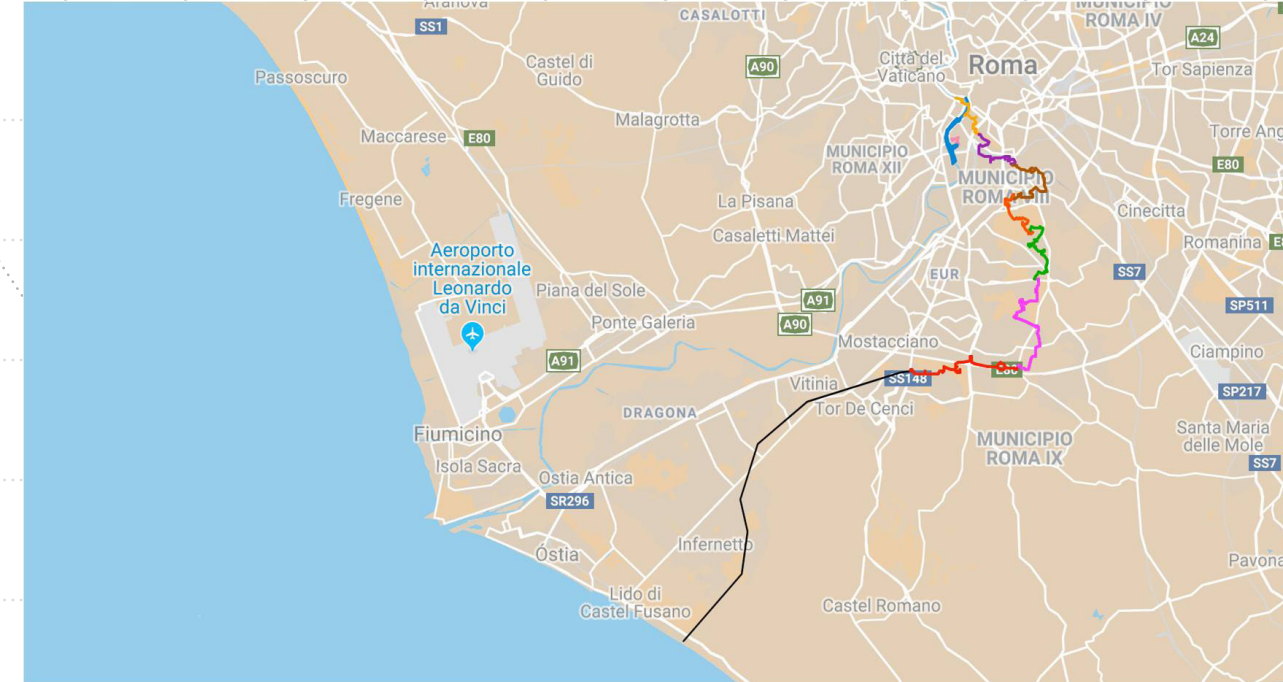


Figura 1. Mapas com os trechos de caminhada da disciplina de Arti Civita.
Fonte: Edu Rocha, 2019.

Eduardo Rocha
Doutor em Arquitetura,
Mestre em Educação,
Especialista em
Patrimônio Cultural,
Arquiteto e Urbanista,
professor e pesquisador
no Programa de
Pós-graduação
em Arquitetura e
Urbanismo/PROGRAU
da Universidade
Federal de Pelotas
(UFPel).amigodudu@
yahoo.com.br

Valentina Machado
Mestra em Arquitetura
pelo Programa de
Pós-Graduação
em Arquitetura e
Urbanismo/PROGRAU da
Universidade Federal de
Pelotas/UFPel, Arquitecta
e Urbanista graduada
pela Universidade
Federal de Pelotas (2017).
Atualmente desenvolve
projetos de pesquisa,
ensino e extensão
junto ao Laboratório de
Urbanismo (LabUrb) da
Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo/FAUrb da
UFPel. valentina.rigon.
machado@gmail.com

Walking in Rome: The Experience of Entering the Wild of the City

Resumo: Ensaio sobre experiências do caminhar pelo selvático da cidade de Roma na Itália, com a companhia de Francesco Careri e outros muitos caminhantes, todos interagindo pelo caminho, na cidade, com suas diferentes línguas e inscrições, buscando arranhar e ferir, na busca por uma espécie de fricção capaz de criar um novo pensamento-ideia sobre e com a cidade.

Palavras-chave: Caminhar; selvático; intervenção urbana; cidade e contemporaneidade.

Abstract: Essay on experiences of walking through the wild of the city in Rome, Italy, in the company of Francesco Careri and many other hikers, all interacting along the way, in the city, in their different languages and inscriptions, seeking to scratch and hurt, in search of a kind friction capable of creating a new thought-idea about and with the city.

Keywords: Walking, wild, urban intervention, city and contemporaneity.

Sair

A ideia que perpassa esse escrito vem de origens diversas, mas tem seu ápice, em meu estágio pós-doutoral¹ supervisionado pelo Prof. Francesco Careri², na *Università degli studi Roma Tre*, na cidade de Roma, Itália, entre os meses de janeiro e julho de 2019.

Em especial em duas diferentes experiências do caminhar realizadas com o grupo da disciplina de *Art Civita*³ e o módulo 3 *Stalker do Master Studi del Territori*⁴, ambas fazendo parte de atividades curriculares de graduação e pós-graduação da universidade.

O grupo da *Art Civita* era formado por alunos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, na sua maioria, integrantes do programa Erasmus, portanto de diversos países da Europa, também latino-americanos participantes outros programas de intercâmbio, professores, pesquisadores, doutorandos, mestrandos, refugiados e caminhantes diversos que se juntavam ao grupo. Uma média sempre de trinta a quarenta pessoas, com suas línguas e culturas diversas (italianos, alemães, franceses, brasileiros, chilenos, peruanos, marroquinos, iranianos, albaneses, israelenses, sírios, etc.). Foram quatro meses de caminhadas, divididos em dez trechos, sempre às quintas-feiras, das 14h00min às 18h00min, saindo da universidade (do campus Testaccio) em direção ao mar, num total médio de 55,1 km caminhados (Figura 1), sendo que o último trecho começou num sábado às 9 horas da manhã até domingo ao final da tarde.

[1] O estágio pós-doutoral foi realizado com auxílio da bolsa de Pós-Doutorado no Exterior (PDE) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

[2] Francesco Careri é professor doutor na Università degli studi Roma Tre, Roma, Itália.

[3] *Art Civita* é uma disciplina ministrada por Francesco Careri desde o ano de 2006 na Università Roma Tre.

[4] Módulo 3 *Stalker do Master Studi del Territorio* consiste em um módulo intensivo de uma semana de duração, sendo dois dias de caminhada pela cidade de Roma junto ao grupo *Stalker*.



Figura 2. Grupo de caminhantes e mapas do módulo 3 *Stalker*. Fonte: Edu Rocha, 2019.

[5] *Stalker* é um coletivo de arquitetos e pesquisadores conectados à Universidade Roma Tre, que se reuniram em meados dos anos 90. Em 2002, *Stalker* fundou a rede de pesquisa Osservatorio Nomade (ON), composta por arquitetos, artistas e ativistas.

As caminhadas com o módulo 3 *Stalker*, aconteceram de forma mais compacta, em dois dias seguidos, das 9h00min ao final da tarde, e contou com um grupo de caminhantes totalmente ecléticos e muito diversos: estudantes de mestrado, convidados de diversas partes do mundo, componentes de associações de moradores, políticos, idosos, crianças, integrantes do grupo *Stalker*⁵, refugiados, etc. Saindo da Porta Maggiore em direção a zona leste da cidade de Roma (Figura 2).

Todas essas caminhadas tinham em comum a ideia de atravessar o selvático de Roma, inscrevendo-se na cidade, intervindo, sentindo os lugares, os limites brumosos entre a natureza e a cidade.

Como caminhamos?

Caminhamos a partir das ideias de Francesco Careri (2014), desde seu livro *Walkscapes* e as poucas instruções que deu aos caminhantes, na hora da partida e que segundo suas palavras, captadas em diferentes momentos das duas experiências:

- “a adrenalina ajuda a conhecer o espaço”;
- “não existe propriedade privada”;
- “a adrenalina ajuda a conhecer o espaço”;
- não fique contente com a primeira impressão: transgrida e seja curioso;



Figura 3. Imagens do percurso. Fonte: Edu Rocha, 2019.

- “temos que atravessar os lugares e encontrar outras entradas e caminhos – outra estrada”;
- “todos juntos, opinando – uma tribo itinerante”;
- “lentamente – quem perde tempo, ganha espaço” e;
- “somos livres”.

As proposições de caminhada sempre partiam de questões que envolviam as disciplinas naquele momento, como por exemplo: Existem áreas selváticas dentro da cidade de Roma? Porque construímos mais edifícios, se temos um grande número de prédios ociosos e abandonados? Porque precisamos pensar em novas áreas verdes e parques na cidade, se elas já existem e estão inacessíveis?

Todas essas questões, sempre eram relacionadas a realidade da cidade de Roma, mas também abertas e possíveis de serem pensadas para as diversas cidades e nacionalidades envolvidas naquelas caminhadas. Caminhantes europeus, latino-americanos, africanos, asiáticos, todos pensando juntos, em comum.

Durante todas as atividades de caminhada, conversamos, discutimos, pensamos juntos sobre o ato de caminhar (Figura 3), emergindo algumas questões iniciais, todos ainda em fase de elaboração, mas que gostaríamos abrir aqui nesse texto como questionamentos e provocações:



Figura 4. Imagens do percurso. Fonte: Edu Rocha, 2019.

1. Caminhar é um exercício físico e mental, num primeiro momento muito mais físico, no grupo de caminhantes percebeu-se que é uma atividade “jovem”, muitos caminhantes de maior idade tiveram dificuldades em continuar. Caminhar exigia ritmo e na maioria das vezes “grande” velocidade. Eram poucas as paradas, as vezes parecia que tínhamos que cumprir uma meta, um objetivo, um ponto para chegar.
2. O caminhar na contemporaneidade exige novos equipamentos, interação com celulares, consultam GPS, respondem mensagens, filma e fotografam, telefonam; tudo mais digital do que analógico - coexistentes. Nos parece essa uma nova transurbância, onde entram em cena novos tempos e espaços (Figura 4).
3. O grupo de caminhantes sempre tem um líder, que caminha na frente, mostra o caminho, e todos seguem. O que nos levou a pensar que existem questões diferentes que envolveriam uma caminhada em grupo ou solitária. Caminhar solitariamente exige coragem, interação, curiosidade e uma maior produção de subjetividade, talvez a interioridade do si mesmo



Figura 5. Imagens do percurso. Fonte: Edu Rocha, 2019.

4. A experiência geográfica, espacial e temporal nos lugares caminhados (Figura 5), acabaram por nos demonstrar que existem ao menos dois tipos de caminhada, duas abordagens, não opostas, mas diversas: o nativo e o estrangeiro. Os nativos se valem da história e geografia locais, conhecem a língua e a cultura, são como bússolas humanas – sempre localizados ou na iminência de achar-se. Contam “estórias”, causos e ativam memórias próprias. Enquanto os estrangeiros caminham no “mundo da lua”, não conhecem nada, andam a ermo, quase tudo é novo e quase nada importa. Quando os nativos contam das histórias, a princípio se interessam, mas nada com tanto detalhe, “aos poucos fingem que prestam a atenção”.
5. As caminhadas contínuas e por trechos realizados pela cidade de Roma, por fim, também nos trouxeram a ideia de uma espécie de “pedagogia da viagem”, existe um antes, durante e um depois de caminhar. Também diferente para o nativo e estrangeiro. Um antes – “como chegar no ponto de partida?” – que envolve toda uma logística de transporte, de ansiedade em acertar o lugar exato da largada. Um depois – “como ir embora desse lugar?” – ao final da caminhada é preciso retornar a casa,

caminhar em alguma direção, encontrar uma linha de ônibus ou metrô, que nos leve de volta. Para os estrangeiros, com certeza – o antes e depois – são momentos de maior tensão, resistência e potência, geralmente são solitários ou em pequenos grupos, enquanto – o durante – se mostra como um momento de mais tranquilidade e segurança, “encontramos o grupo e vamos caminhar juntos”.

O selvático

O selvático é aquele que habita a selva ou vive longe da civilização, contemporaneamente pode designar aquele território abandonado que atravessa a cidade e o urbanismo. Para o grupo *Stalker*, a ne-gentropia e o selvático são dois termos – um vindo da linguagem científica e o outro do humanismo – que buscam reconstruir a noção de “paisagem” a partir de espaços gerados pela criatividade da natureza e da comunidade, em reações não-lineares e espontâneas que podem fazer surgir ecossistemas evoluídos: "Caminhar no selvático (selvagem), é caminhar como um animal" (CARERI, 2019).

Inscrever-se

Durante todas as caminhadas começou a pulsar a ideia de intrometer-se nos lugares, a partir da observação de que eram poucas as intervenções e interações com os lugares e as pessoas.

Uma espécie de escrita, um escrever palavras esculpindo ou gravando em algum lugar.

Inscrita: escrita dentro (in), incisão, inserção, escrita em profundidade Inscritos no lixo é um blog destinado a divulgar ensaios, artigos, poesias, vídeos, arte, crônicas relacionadas à temática do lixo desde o aspecto existencial dos catadores, recicladores, galpões de reciclagem, carrinheiros, moradores de rua [...] (FUÃO, 2020).



Figura 6. Oficina “Espiar inscritis”. Fonte: Edu Rocha e Valentina Machado, 2019.



Figura 7. Oficina “Espiar inscritis”. Fonte: Edu Rocha e Valentina Machado, 2019.

Passou-se ao movimento de ficar a espreita, esperar oportunidades, comunicar-se, arranhar, ferir ou causar atrito. Foram uns gritos!

Uma das atividades que buscou inscrever a cidade/na cidade foi uma oficina proposta pelos autores realizada em uma das aulas de *Art Civita*. A ação consistia em espalhar monóculos pelo trajeto da caminhada em lugares aleatórios da cidade de Roma, tornando possível “espiar” inscritis capturadas em outros momentos/lugares atravessados. Com essa proposta espiamos e espalhamos as inscritis da cidade (Figuras 6 e 7).



Figura 8. Intervenção *Scarpe*. Fonte: Edu Rocha, 2019.

Em outro momento, durante a caminhada realizada com participantes do módulo 3 *Stalker* ao chegarmos em um local de descarte de resíduos percebeu-se ali um grande número de sapatos (Figura 8). A partir da observação do grande volume de objetos, um dos participantes se pôs a enfileirar alguns deles, então os outros caminhantes se juntaram ao movimento de criar, intervir, formando uma trilha de sapatos. Uma intervenção que ativou reflexões em várias escalas, sobre nós que andávamos a caminhar pela cidade, nos perguntávamos: que cidade é essa pela qual estamos a andar? O que estes espaços nos dizem sobre a cidade? Como estamos tratando estes espaços? Outra reflexão feita se tratava dos objetos: de onde vieram? como foram parar ali? Questionamentos.

Seguimos, caminhávamos por entre fábricas abandonadas, rodovias, parques, ruínas, bairros da periferia de Roma e pela cidade selvática - que habita a cidade urbanizada - escondida, inacessível, agora em parte desvelada. Ao longo do caminho nos deparávamos com artefatos diversos como uma antiga cisterna, que outrora abrigava um grande volume de água, e que agora para nada servia. Num gesto pleno de significado um dos companheiros de caminhada arranha a cisterna deixando rastros com a escrita *ART*. Outras intervenções foram acontecendo, como o empilhamento de caixas que esta-



Figura 9. Intervenções urbanas ao longo do percurso. Fonte: Edu Rocha, 2019.



Figura 10. Performances do grupo caminhante. Fonte: Edu Rocha, 2019.

vam à beira de uma estrada (Figura 9). Tudo convidava a jogar com as coisas, com a cidade.

Além de caminhar, arranhar, espiar, inscrever, também interagimos com o território e com aquilo que o conforma. Ao chegarmos na Pedreira de *Salone*, encontramos gigantes pedras empilhadas e automaticamente iniciamos uma ação performativa, explorando aquilo que parecia ser um lugar feito para brincar. Qualquer criança veria naquelas pedras enormes um grande trepa-trepa, assim como nós, que jogamos e brincamos neste espaço aparentemente sem função transformado em fonte de diversão (Figura 10). Continuando a jornada,



Figura 11. Leitura do texto Roma Temível. Fonte: Edu Rocha, 2019.



Figura 12. Performance – A sombra em vermelho. Fonte: Edu Rocha, 2019.

[6] Roma Temível – texto disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/19.228/7436>

já quase ao entardecer, adentramos em um grande estacionamento vazio, performamos ocupando os espaços destinados aos veículos.

Um momento muito potente do trajeto que percorremos, foi quando da chegada nas proximidades da Divisão de Estrangeiros do Departamento de Polícia de Roma, onde se propôs a leitura de um relato que fala de uma outra cidade, não a Roma turística, amada, mas a *Roma temível*⁶, vivenciada por estrangeiros, imigrantes e refugiados (Figura 11). Um texto que descreve um lugar de medo e apreensão, esse momento proporcionou a todos um profundo sentimento de reflexão sobre hospitalidade *versus* hostilidade.

A sombra em vermelho, assim chamamos a última performance da caminhada do Módulo *Stalker*, novamente interagindo com as coisas encontradas pelo caminho. Um guarda chuva vermelho repousava no interior de uma caverna (Figura 12), então foi recolhido por um dos caminhantes que passou andar pelas ruas e pelo território selvático de Roma, se transformando em um personagem que podia ser avistado de longe. Uma sombra vermelha que caminha, e assim como captura aquele objeto, o deixa em um lugar do percurso para quem sabe ser resgatado por outra pessoa que prossiga com o jogo. Encontrar, capturar, abandonar.

As diversas atividades que iam se desdobrando a partir deste encontro com a cidade propiciavam aos caminhantes se inserir, aderir e se inscrever na cidade a partir de jogos com os objetos e o território desbravado. Durante nossa vivência nômade pelas frestas da cidade tudo levava ao lúdico, víamos em cada recanto uma possibilidade de interagir e jogar com a cidade.

Um jogo

Para Deleuze⁷, nos jogos convencionais “é preciso (...) que um conjunto de regras preexista ao exercício do jogo” e “estas regras determinam hipóteses que dividem o acaso, hipóteses de perda ou de ganho”. Embora retenham o acaso “somente em certos pontos”, essas hipóteses “organizam o exercício do jogo em uma pluralidade de jogadas real e numericamente distintas”, cujas consequências “se situam na alternativa ‘vitória ou derrota’”. Assim, os jogos repetem “modelos implícitos que não são jogos” – “modelo moral do Bem e do Melhor, modelo econômico das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins” –, remetendo, portanto “a outro tipo de atividade, o trabalho ou a moral” (DELEUZE, 2000, pp. 61-62).

Em oposição a esse esquema dos jogos convencionais, Deleuze

[7] Gilles Deleuze faz sobre os jogos e os esportes em A lógica do sentido (2000), no texto intitulado “Do jogo ideal”, o autor realiza, a propósito dos jogos inventados por Lewis Carroll em seus livros sobre Alice.

coloca os jogos propostos por Lewis Carroll, o que ele chama “jogo ideal”: um tipo de jogo onde “não há regras preexistentes” e “cada lance inventa suas regras”; em que “longe de dividir o acaso em um número de jogadas realmente distintas, o conjunto das jogadas afirma todo o acaso e não cessa de ramificá-lo em cada jogada”; em que as jogadas não são “numericamente distintas”, mas “qualitativamente distintas”, operando uma “distribuição nômade de singularidades”.

Os jogos de Lewis Carroll – que “parecem não ter nenhuma regra precisa e não comportar vencedor nem vencido” – seriam a realização artística desse “jogo ideal”. Um jogo que, exatamente porque “parece não ter nenhuma realidade”, porque não pode ser jogado, mas apenas “ser pensado como não-senso”, só se torna possível através da arte e do pensamento (DELEUZE, 2000, pp. 61-63).

Radicalidade tal qual a que nos leva a reflexão filosófica. As ruínas apenas como cenário, quase encobertas pelas vegetações, totalmente libertas da representação que até agora poderíamos fazer delas. Ruínas contemporâneas. Numa reflexão mais profunda acerca do espaço das ruínas contemporâneas, coloca-se a questão pensada por Foucault em suas heterotopias. Esses espaços, cidades, sertões, templos e labirintos congregam os desejos, os medos, as angústias e os sonhos de uma geração que se apega a espaços imaginários para transpor suas heterotopias navegáveis para um espaço múltiplo e permissivo, onde um sertão catártico apresenta as apreensões de um tempo.

O pensamento, então, liberado da representação da arquitetura do abandono doa-se a uma paisagem não-humana, a um pensamento sem imagem e sem sujeito: um imenso deserto. Já não se trata de ir às palavras para que o sujeito possa falar do mundo, mas subsiste um campo transcendental, uma consciência sem sujeito.

Deleuze bem sabe que o pensamento não é uma faculdade,

mas uma experimentação, um exercício – ele supõe uma violência qualquer para sair do inatismo de que falava Artaud, e saído desse inatismo, demanda um cuidado e uma prudência que se confundem com uma ética e com uma política do pensamento⁸. Os nômades no deserto, o ovo indiferenciado que só tem gradientes, mas nunca hierarquias nem órgãos, nem organizações – sequer é um organismo. Ovo como pura potência, gradientes e limiares como graus de potência. Espaços em que a liberdade foi devolvida sem sujeição, embora sem nenhuma garantia. A vida do nômade é intermezzo. Em seus caminhos, existem pontos: ponto de água, ponto de habitação ou de reunião, mas os pontos só existem para serem abandonados pela linha. Assim, entre dois pontos há sempre um trajeto, e o entre-dois, a linha já não se submete ao ponto; tomou consistência, goza de autonomia e direção próprias (DELEUZE & GUATTARI, 1997).

O trajeto nômade não se confunde com o sedentário, que distribui os homens em espaços fechados; o nômade distribui homens e animais em espaços abertos não-comunicantes. *Nómos*⁹ designa uma consistência e um conjunto fluido, e nesse sentido contrapõe-se à lei ou a polis, como interior. Há, aí, uma grande diferença entre os espaços: o sedentário é estriado, cheio de caminhos cercados, de horizontes murados. Já o nômade é liso, marcados por traços que se apagam e deslocam com o trajeto.

O nômade é territorial e distribui-se num espaço liso. Por isso, é falso defini-lo pelo movimento. O nômade é aquele que, agarrado a esse espaço liso, não parte, não quer partir. O nômade sabe esperar e tem uma paciência infinita. Sua relação com o território é a de desterritorialização absoluta, que converte a terra em mero solo ou suporte. Nisso, Zaratustra foi mestre, e não é por acaso que Deleuze faz de Nietzsche o protagonista de um pensamento errático. De sua parte, a tarefa do Estado é estriar o espaço, ou utilizar espaços lisos como vias de acesso e comunicação a espaços estriados; seu aparelho de

[8] Há sempre a violência de um signo que nos força a procurar, que nos rouba a paz. A verdade não é descoberta por afinidades, nem como boa vontade, ela se trai por signos involuntários” (DELEUZE, 1987, p. 14).

[9] *Nómos*, originalmente foi uma forma poética recitada com o acompanhamento de instrumentos em ocasiões especiais ou para o louvor aos deuses. Também significava, em que pese sua origem indo-europeia, uma forma de divisão territorial no Egito, algo como uma província. No sentido adotado por significava, originalmente, uma regra de conduta ou dizia respeito aos costumes (mores), ou ao que, em português, designamos como *habitus*. Genericamente tem o sentido de regra, norma ou lei, ou de um códex, jurídico, legal (AGAMBEN, 2002).

captura funciona assim: não só estriando o espaço liso, mas voltando a criar, na ponta extrema do estriamento, um alisamento. Uma viagem migratória por um universo heterotópico é também realizada pelo filósofo Michel Serres, um viajante que percorre infintos espaços, um pensador para quem viajar é invenção, a qual também pode ser denominada tradução, comunicação e metáfora. Serres descobre, na análise estrutural, um meio de viajar por diferentes domínios e, até mesmo, por diferentes realidades, desenhando novos mapas.

Tudo para dissolver as fronteiras do entre, da fresta, do beco, do que separa, todo o conteúdo dos abandonos arrastados pela expressão. Conjugação entre o filosófico e o não-filosófico, a arquitetura e a não arquitetura, a arte e a não arte, tudo para evitar as armadilhas da imagem-pensamento, impostas pela representação clássica. Uma cidade, um livro, um filme, uma música, tudo esburacado, mas nem tudo. *Em Mil Platôs* (1995, vol. 3 e 5), de Deleuze e Guattari, descobrimos os espaços lisos e estriados – nômades e sedentários, o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço definido pelos aparelhos de estado, que são distintos, mas não opostos, nos abandonos se encontram sempre em fronteira. Deleuze e Guattari diferem espaços lisos de espaços estriados ilustrando-os com vários modelos. No modelo tecnológico, o tecido é designado como espaço estriado – a horizontalidade dos fios é fixa e a verticalidade é móvel. Enquanto seu comprimento pode ser infinito, sua largura sempre é fixa. O tecido é um tipo de espaço com avesso e direito e sua trama é regular – os fios entrecruzam-se sempre da mesma forma, perpendicularmente. Já o feltro, sólido e flexível representa, nesse modelo, o espaço liso. Liso, para Deleuze e Guattari, não significa homogêneo, pois o feltro, apesar da textura lisa, é constituído por um emaranhado de fios sem nenhuma ordem de entrecruzamento. Não tem direito, nem avesso, nem centro.

Transitam, misturam, esses espaços lisos e estriados. O espaço liso não para de ser traduzido, met-amor-foseado em um espaço estriado, e o estriado constantemente abandonado a um espaço liso. Espaço de indiscernibilidade, uma zona esfumada, onde podemos abandonar ou encontrar tudo aquilo que ali mesmo havíamos perdido. Agamben se pergunta “de que modo a vida nua¹⁰ habita a polis?” (2002, p.15), uma de nossas hipóteses é de que um desses modos/lugares são os espaços do abandono.

Chegar

A arte cívica, a palavra *cívica* provém do conceito de cidadão. Então, cívico será tudo o que tenha a ver com os cuidados e com o ambiente da cidade, especialmente, lugar onde se considera que nasce o conceito de cidadão.

Careri (2017) traz esse termo de Patrick Geddes, que em 1913, criou um curso prático para estudar a cidade, um urbanismo itinerante, propondo aos estudantes submergir nas dobras da cidade.

A arte cívica se afirma como uma disciplina criada para romper a distinção entre teoria e prática do urbanismo, fusionando as duas coisas e se apoiando em uma visão orgânica da cidade conforme os preceitos de Gueddes que já em 1923 defendia o uso do caminhar não apenas como forma de observar a cidade, mas também como arte performativa capaz de transformar a cidade (FERRERO, 1998).

Vislumbra-se que talvez caminhar no sul do Brasil é caminhar na umidade, pelos banhados, córregos, sumidouros, enquanto caminhar por Roma é encontrar uma terra mais seca. Por aqui as águas são fortes e potentes condutores. Nossas matas são hostis, tem seus venenos e peçonhas, muitas vezes nos afastam. Os bosques romanos são idílicos, um convite à exploração pitoresca do selvático.

Não se trata aqui de se opor um caminhar Europa-Latino-ame-

[10] Agamben discute o sentido do termo “nua” no sintagma “vida nua” que, segundo ele, e em formulação corresponde ao termo grego *haplos*, com o qual a filosofia primeira define o ser puro. “O isolamento da esfera do ser puro, que constitui a realização fundamental da metafísica do ocidente, não é, de fato, livre de analogias com o isolamento da vida nua no âmbito de sua política. Aquilo que constitui, de um lado, o homem como animal pensante, corresponde minuciosamente, do outro, o que o constitui como animal político. Em um caso, trata-se de isolar dos ,múltiplos significados do termo “ser” [...] o ser puro (*ôn haplós*): no outro, a aposta em jogo é a separação da vida nua das múltiplas formas de vida concretas.

[10] Ser puro, vida nua – o que está contido nestes dois conceitos para que tanto a metafísica quanto a política ocidental encontrem nestes, e somente nestes, o seu fundamento e o seu sentido? Qual é o nexó entre esses dois processos constitutivos, nos quais metafísica e política, isolando o seu elemento próprio, parecem chocar-se com um limite impensável? Visto que, por certo, a vida nua é tão indeterminada e impenetrável quanto o ser haplôs e, como deste último também se poderia dizer dela que a razão não pode pensá-la senão no estupor e no assombramento (quase atônita, Schelling)”. In: (2002, p. 187).



Figura 13. A despedida. Fonte: Edu Rocha, 2019.

ricano, de gênero, geracional, físico, geográfico, histórico, ecológico, social e ou cultural, mas de pensar em distâncias e composições que diferem, coexistem, nos ensinam e escrevem entre si, no uno da experiência de produção de subjetividades do caminhar.

*Lascio le scarpe alla fine della passeggiata. Me ne vado, ma li lascio in cammino, con tutti quelli che mi hanno accompagnato. Grazie e a presto a Roma!*¹¹(ROCHA, 2019).

[11] Deixo meus sapatos no final da caminhada. Saio, mas deixo-os na estrada, com todos aqueles que me acompanharam. Obrigado e até breve em Roma! (tradução do autor).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CARERI, Francesco. **Anotações da disciplina de Arte Cívica**. Roma: 2019. (anotações de aula, feitas por Eduardo Rocha).

_____. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

_____. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

DELEUZE, Gilles, & GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 4)**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **A lógica do sentido**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Proust e os signos**. São Paulo: Forense Universitária, 1987.

FERRERO, Giovanni. **Rieducazione alla speranza**. Patrick Geddes planner in India 1914-1924. Jaca Book, Milano, 1998.

FUÃO, Fernando Freitas. **Inscritos no lixo**. Website. Disponível em: <http://inscritosnolixo.blogspot.com/>. Acesso em: 01 nov. 2019.

ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte**. Tese (Tese de doutorado Arquitetura). PROPARG/UFRGS. Porto Alegre, 2010.